

Redacção e administração
R. de S. Martinho

Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 225

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

A DESORDEM NACIONAL

O desvairamento é geral. Apoderou-se das pessoas mais respeitáveis e sisudas. Conhece-se nas coisas mais ínfimas. Até na orthographia!

Os nossos prezados collegas *Mundo* e *Resistencia*, ambos revolucionarios em politica, converteram-se, ambos tambem, em revolucionarios na orthographia. Mas, coisa curiosa, ao passo que a *Resistencia* escreve Intze o *Mundo* escreve Hintze. A *Resistencia* escreve ómem, ôje, onra e ontem. O *Mundo* escreve homem, hoje, hontem e honra.

Qual d'elles é o verdadeiro revolucionario? Qual d'elles está na verdade?

A orthographia ou ha de ser etymologica ou ha de ser phonica.

Sea *Resistencia* escreve ómem, porque não escreve lái e daí, que é a pronuncia normal de lei e dei? Porque escreve tam e sam quando a pronuncia normal é tão e são? Porque escreve ministro, quando a pronuncia normal é ministro? Porque escreve ideal, quando, manifestamente, é ideal? E' revolução ou desordem?

Note-se que nós não estamos a censurar nem a criticar o prezado collega, que é da nossa particular consideração e estima. Estamos a estabelecer as premissas d'uma conclusão. E para se demonstrar o desvairamento, que vae em tudo n'este paiz, é verdadeiramente typica a desordem orthographica. Deixa-la de fóra seria perder um elemento dos mais frisantes, dos mais importantes da prova.

Ha dias, o sr. Bernardino Machado, por quem temos a maior consideração, como já o demonstrámos, fazendo uma conferencia sobre o ensino, lançava ás homenagens e aos applausos do auditorio o nome de José Elias Garcia, deixando no mais completo silencio o nome de João de Deus e o dos promotores da benemerita *Associação das Escolas Moveis*. Ora José Elias, não obstante as suas boas intenções, alargou as escolas principalmente para dar collocação á sua clientella. E com essas escolas se déram escandalos monumentaes. João de Deus foi o auctor do trabalho mais extraordinario que tem apparecido entre nós, embora desconhecido ainda dos proprios que se dizem sacerdotes magnos da obra redemptora da instrução nacional, e os fundadores das *Escolas Moveis* teem sido os mais tenazes, os mais perseverantes, os mais desinteressados, os mais patrioticos propagandistas do ensino elementar em Portugal.

O sr. Bernardino Machado

seria incapaz de commetter uma injustiça. Mas tendo o sr. José Augusto Coelho feito nas mesmas salas da *Academia dos Estudos Livres*, onde agora falou o sr. Bernardino Machado, tres conferencias, em 1897, n'uma das quaes atacou vivamente o methodo de João de Deus, e havendo-as offerecido depois, colligidas em volume, ao illustre professor da Universidade de Coimbra, este, que é delicadissimo, não quiz offender susceptibilidades, falando em João de Deus e nos patrioticos fundadores das *Escolas Moveis* ao mesmo tempo que exaltava o nome de José Elias Garcia.

O sr. José Augusto Coelho fartou-se de dizer dislates, em nome da *sagrada e immortal pedagogia* sobre o methodo de João de Deus, dislates que não esmiuçamos agora porque não é esse o propósito do artigo que estamos escrevendo. Mas como é um sábio, os dislates foram admittidos e foram consagrados. Não se averiguou, nem se examinou mais nada.

Da mesma fórma, o sr. Gonçalves Vianna diz coisas cerebriñas na sua *Exposição da Pronuncia Normal Portugueza*. Mas como é outro sábio, grande glotologo e philologo, escreveu um evangelho. E os revolucionarios, de evangelho em punho, proclamaram a verdade a todos os cantos do paiz.

Esqueceram-se só de que ha differença entre revolução e desordem. As revoluções acabaram ainda no tempo do Saldanha.

O sestro d'este paiz é de tal ordem que o revolucionario emérito, Saldanha, querendo acabar a sua vida com uma revolução só conseguiu fazer uma desordem. O 19 de maio foi o triste epilogo das revoluções em Portugal.

Depois seguiram-se simples episodios carnavalescos. Tudo isso a que se tem chamado revolução, na litteratura, na arte, nos costumes, na familia, na politica portugueza, não tem passado de scenas de entrudo, e d'este réles entrudo nacional, por mais que os poetas se desunhem a escrever epopéas e que os tribunos se esalfem a gritar gloria.

Scenas de entrudo, scenas de entrudo, e, repetimos, d'este réles entrudo, d'este réles e bem conhecido entrudo nacional.

Sendo certo que o entrudo das ruas, se bem que ordinario e porco, ainda tem sido superior ao entrudo social e politico. O José Augusto e o Rei da Madureza ainda provocaram sympathias e despertaram interesse na alma popular. Sympathias que não duraram um dia, como as dos nossos tribunos de comicio ou heroes de batalhas suspeitas, interesse que se não extinguiu n'uma hora, mas que perduram, e vivem ainda.

Esta revolução orthographica, que se vae apoderando de toda a gente em Portugal, desde o lente da Universidade até ao ultimo escrevinhador, sem regra, sem principio, sem base, sem sciencia, sem consciencia, sem rei nem roque, é verdadeiramente symptomatica, é verdadeiramente typica. E' a verdadeira imagem do *chinfim* nacional, em que tudo se desnacionalisou, em que tudo se desorientou, em que tudo se apulhou. A dama perdeu o caracter de dama, a creada de servir perdeu o caracter de creada de servir, a tricana perdeu o caracter de tricana, o aldeão perdeu o caracter de aldeão, o sábio perdeu o caracter de sábio, o magistrado perdeu o caracter de magistrado, o burguez perdeu o caracter de burguez. Misturou-se tudo. E sahii de tudo uma mixordia ignobil.

Oh! sim. Uma mixordia ignobil! Que patria tão mesquinha, tão pequenina, tão abjecta!

A forte e gloriosa patria d'out'ora!

Transcrições e referencias

O nosso prezado collega O *Debate* tem continuado a transcrever as nossas *Cartas d'Algueres*.

Tambem o *Diario da Tarde* transcreveu a ultima *Carta d'Algueres*.

O nosso prezado collega *Folha do Povo* faz as mais amaveis referencias ao redactor principal d'este semanario.

Os nossos agradecimentos.

GRALHAS

O nosso ultimo numero sahii cheio de gralhas.

E algumas alterando um pouco o sentido d'aquillo que escreveramos.

A proposito da centenaria *Ca-lhóá*, da Gafanha, averiguámos, por acaso, haver alli uma outra mulher conhecida pela Joanna Esgueiróá, que conta a bonita idade de 102 annos.

Possue ainda todas as suas faculdades, costura e dá tambem o seu passeio de vez emquando. Fala com muita lucidez e discorre sobre diversas coisas antigas com muita precisão.

Tambem não ha muito que alli falleceu a *tia Febritas*, que contava a mesma idade, approximadamente.

Bom clima, aquelle clima gafanhão.

SAL

O preço do sal tem subido extraordinariamente em Aveiro. O seu preço actual regula por 70:000 réis o barco e 40:000 réis o wagon, com tendencia para alta.

E' opinião geral que o sal este anno vem a vender-se mais caro do que o anno passado o.

PARTIDO REPUBLICANO

Continuam os partidarios republicanos nos seus trabalhos, e fazem bem.

Teem os nossos applausos. Mas, por isto mesmo, ir-lhes-hemos dando certos avisos.

Estamos de fóra. E quem está de fóra vé as coisas melhor.

O sr. Antonio José d'Almeida publicou uma carta no *Mundo* com bellas aspirações. Todas bellas. Mas, a maior parte, com este pequeno defeito: não passarão d'aspirações. Sem culpa do sr. Antonio José d'Almeida, é claro. Mas o facto é esse.

Porém, alguns conselhos práticos dá o sr. Almeida aos partidarios e um d'elles é que se deixem de congressos. E' o que nós lhes temos dicto muitas vezes. Os congressos só teem servido para inutilisar homens. Chefe eleito é chefe inutilisado.

O sr. Almeida tambem recomenda que deixem o programma para mais tarde. Mas o sr. Almeida limita-se a pedir um addimento de mezes. Este é o mal. O programma deve ficar para as *calendas gregas*. Publiquem-n'o então.

Não ha melhor programma que a discussão, dia a dia, das questões d'interesse publico. Isso é que a imprensa republicana não tem feito. Limita-se a discutir as intrigas do partido regenerador ou do partido progressista.

De vez emquando apparece na imprensa diaria um artigo de sensação. Quem o escreve? Geralmente o sr. Emygdio Navarro. Os jornaes republicanos agarram logo n'elle, transcrevem-no, espalham-no, impõem-no, proclamando, implicitamente: «Eis o homem que tem o primado intellectual n'este paiz! Eis o director mental da sociedade portugueza!» Dois dias depois enchem o homem d'injurias, quando não o fazem ao proprio dia.

Ora os jornalistas republicanos ainda não se convenceram de que isso é ridiculo, pelo menos?

Encher de injurias um homem a combater o que elle diz, como se fazia d'antes com o sr. Emygdio Navarro, comprehende-se. Está na logica das palavras, das idéas, dos interesses e das paixões. Mas enche-lo de injurias quando elle diz o que nos agrada e o que nos convem, e depois de se ter proclamado a sua superioridade, é caricato, que é peor ainda do que ser ridiculo.

Então deixem-lhe os artigos. Ao menos não o imponham como o unico capaz de saber dizer as coisas.

Ora o grande programma do partido republicano é esse. E' tratar as questões capitaeas do paiz em livro, em folheto, em conferencia, em jornal. Trata-las a sério, estuda-las, sem ir a reboque dos monarchicos. Passar o tempo a discutir as intrigas caseiras é triste. Ser preciso que os monarchicos levantem as grandes questões nacionaes ou internacionaes, para marchar na esteira d'elles, é deploravel. Comtudo, é o que a imprensa republicana, no geral, tem feito até hoje.

Programma, para quê? Para o sr. Theophilo Braga expór positivamente impraticavel? Por mais respeitáveis que sejam as opiniões

scientificas do sr. Theophilo Braga não é bem d'ellas que nós necessitamos agora. O Comte pouco tem que fazer nas condições sociaes e politicas do pobre Portugal.

Os programmas são excellentes nos paizes onde se formulam depois da gente saber o que quer e onde a gente tem coragem para executar o que quer. Ora em Portugal ninguem sabe o que quer e ninguem tem coragem para querer coisa nenhuma. Muita sciencia, muitas idéas, muitos litteratos e muitos sábios, mas a respeito de coisas proveitosas e uteis, de applicação immediata, coisas que se entendam e que se vejam, era uma vez proveito, era uma vez utilidade.

Deixem-se de programma. Se querem, é claro. Isto são lembranças. Não damos ordens, o que seria asnatico. Mas tambem não fazemos pedidos nem mettemos empenhos, o que seria asnatico tambem.

Outra coisa: não puxem tanto pela fleira ao diabo da rhetorica. Deixem o diabo da rhetorica. Deixem o malfadado romantismo. O mundo já não vae com isso. Dêem um salto para se approximarem do mundo moderno.

Deixem os *patriarchas*. Dizer mal dos *patriarchas* seria feio. Mas accender velas aos *patriarchas* tambem é uma dos demónios. Os *patriarchas* tiveram o seu tempo. Agora estão como o Santo Antoninho: já não fazem milagres.

Quem vae, vae. Quem fica, fica. O sr. Bernardino Machado, por exemplo, enaltece muito os processos de José Elias Garcia. E' uma opinião muito respeitavel. Mas a verdade é que esses processos nem serviram, nem servem. José Elias Garcia tinha grandes qualidades pessoases. Nega-las seria estupidez. Mas quiz fazer politica monarchica dentro do partido republicano. Cercado de corruptos, quiz alimentar esses corruptos pelos processos porque os monarchicos alimentavam os seus. Ora se os processos monarchicos teem matado a monarchia com muito mais razão hão de matar a republica. D'esses processos resultou o descredito profundo do republicanismo portuguez.

O municipio de Lisboa, onde o sr. Bernardino Machado vê monumentos de gloria para José Elias, tem sido, precisamente, a grilheta do partido republicano portuguez.

Sem falar no grande desastre do 31 de janeiro, ao qual está ligada, tambem, intimamente, a responsabilidade do fallecido chefe republicano.

Não quer isto dizer que se não honrem as virtudes pessoases, os serviços e os meritos, de José Elias Garcia. Mas fazer apologia de escolas, e processos passados, no partido republicano, n'este momento em que, tão periclitante como elle está, pretendem uni-lo e consolida-lo, parece-nos erro muito grave.

Dissémos que a maior parte das aspirações do sr. Antonio José d'Almeida ficarão em bellas aspirações e nada mais. E' certo. E porque? Porque o sr. Antonio José d'Almeida conta como feita aquillo que está ainda por fazer. E' a nação portugueza. Em Portu-

gal não ha povo. E sem povo não ha nação.

A ignorancia profunda do povo deixou os destinos nacionaes entregues a uma classe diminuta. E essa classe, a classe dirigente, perdeu todo o civismo, todo o espirito de abnegação.

A esta regra não fazem excepção nenhuma os proprios republicanos. A Associação das Escolas Moeis, fundada por republicanos, entre os quaes ha muitos de fortunas avultadas, arrasta uma existencia mesquinha. A Associação do Registo Civil, fundada por republicanos, arrasta uma existencia mesquinha. Os jornaes republicanos arrastam uma existencia mesquinha. E assim tudo.

Os monarchicos fazem mais justiça aos republicanos, sem distincção de individuos ou de escolas, do que os republicanos uns aos outros. O sr. Homem Christo, por exemplo,—e serve este exemplo pela importancia do assumpto—tem encontrado mais apoio e applauso entre os monarchicos, nos seus persistentes esforços a favor da instrucção do povo, do que entre os republicanos. Ha jornaes republicanos que nunca tiveram uma palavra de referencia a esses esforços.

Este simples facto mostra eloquentemente o que é o espirito republicano em Portugal. Mas ha centos d'elles no mesmo genero.

Uma vez foi o Povo de Aveiro querelado por offensas á religião do Estado. A Voz Publica, do Porto, aproveitou a occasião para beliscar este periodico! Mais liberaes do que a Voz Publica foram os juizes monarchicos, que absolveram o Povo de Aveiro.

E assim por diante.

Se os republicanos quizerem progredir, hão de começar por dar o exemplo da abnegação e da justiça. E se quizerem levantar a nação, hão de começar por instruir e educar a mesma nação.

Isso não é obra de mezes. É obra de muito tempo. Por isso mesmo a não julgamos compativel com a iniquidade e o egoismo nacional.

REUNIÃO

Na sala da escola masculina da Gloria, realisou-se no dia 21 do corrente uma reunião de subscriptores do retrato do sr. Conselheiro José Luciano, para accordarem na melhor forma de realisarem os festejos para a sua inauguração e bem assim escolherem local proprio para a sua collocação.

Pelo sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, que a ella presidiu, foi ponderado o mau estado da sala das sessões da camara e as suas acanhadas porções para elle alli ser collocado, lembrando por isso a assembleia a conveniencia da sua collocação no edificio do lyceu a par do retrato do dilecto filho d'Aveiro, José Estevam Coelho de Magalhães.

Esta proposta foi muito bem recebida pelos assistentes e assim deliberado.

Ficou tambem a commissão do retrato encarregada de promover os festejos como entendesse e em harmonia com o acto.

Folgámos com a acertada resolução.

BEM ENTENDIDO

Sabemos que a policia tem applicado varias multas a carreiros que regaladamente transitam por essas estradas em cima de carros, sem se importarem que os bois atropellem alguém, ou façam estragos nas bermas das estradas.

Tambem tem multado alguns cyclists que desafortadamente andam em correrias pelas ruas da cidade.

Muito bem.

Cartas d'Algures

27 DE NOVEMBRO.

O nosso prezado collega *Diario da Tarde* deu-nos a honra de transcrever a nossa ultima carta.

Agradecemos-lo. E agradecemos-lo não tanto pela satisfação pessoal que isso nos causou, como por vermos que o importante jornal portuense, tão brilhantemente redigido, continúa no proposito firme de tomar a peito esta grave, esta gravissima questão das subsistencias publicas.

Ainda bem. Isto não pôde continuar assim. Ou tudo endoideceu n'este paiz, ou os homens intelligentes teem que intervir sem demora a salvar a nossa raça d'um cataclysmo inevitavel. Não é já, somente, uma questão de humanidade. Não é já uma questão meramente patriótica. É, tambem uma questão de interesse para todos, em geral, e para cada um, em particular.

O argentario estúpido, o especulador torpemente egoista e boçal, pôde olhar apenas ao lucro de momento. Mas o homem intelligente e fino, rico ou pobre, lavrador ou industrial, negociante ou burocrata, deve olhar mais alto, deve vêr mais longe. E a verdade é que a raça portugueza de finha de dia para dia, ameaçadamente, terrivelmente, prometendo aniquilar-se em breve praso.

Isto não é exaggero de pessimista, que nunca o foi quem escreve estas linhas. Não é força de rhetorica, que nunca usámos d'ella. Não é proposito de embarçar governos, que nunca fomos especulador politico. É a expressão da nossa convicção, d'uma convicção profunda, que se formou no estudo dos livros, no estudo dos homens, no estudo dos factos.

É entrar nos quartéis, é entrar nas fabricas, é transitar, com olhos de vêr, nas ruas dos bairros operarios das grandes cidades, é demorar uns dias nos campos a estudar as condições de vida das classes trabalhadoras. E concluir-se-ha, como nós, que ou isto muda de rumo, quanto antes, sem demora, ou estamos irremediavelmente perdidos. É uma pavorosa pobreza physiologica, é uma horrenda deficiencia intellectual, que a gente vê crescer dia a dia, hora a hora.

Que falem os nossos velhos officiaes militares, os que sabem olhar e os que sabem pensar; os que teem passado a vida nas casernas e não os janotinhas que fazem asneiras nos quartéis generaes e no ministerio da guerra, que falem esses, a quem são entregues, todos os annos, milhares de homens tirados das camadas profundissimas do paiz, e elles dirão da terrivel decadencia que teem notado na raça portugueza, decadencia rapida que assombra, que apavora.

Que fazer? A primeira coisa é alterar essa funestissima lei dos cereaes, desde que o pão é a base da alimentação do povo e desde que o preço do pão é o preço regulador das subsistencias publicas. Essa lei funestissima que não tem aproveitado, afinal, senão aos especuladores politicos; aos contrabandistas, aos falsificadores e aos açambarcadores. Esta é a grande verdade. Já o temos demonstrado aqui.

Dizia Passos Manuel, no relatório que precedia a reforma de 10 de Janeiro de 1837, que viria tempo, quando os costumes fossem mais puros e a opinião mais justa e severa, dos contrabandistas serem tidos no desprezo que merecem e tratados como os mais ladrões.

Infelizmente, esse tempo não chegou ainda.

Na revista de jurisprudencia *O Direito*, vol. 22, de 1890, de pag. 104 a 110, vem uma notavel consulta do illustre advogado Baptista de Souza, hoje visconde de Carnaxide, que é por mais de um titulo curiosa. Por ella se vê que quando foi do celebre contraban-

do da fava, um aspirante da alfandega do Porto denunciou: 1.º que desde 1881 a 1883 sahiram da alfandega de Lisboa enormes quantidades de tabaco, ás vezes quatro fardos por semana, subtraídos aos direitos, para a fabrica Regalia; 2.º que milhares de kilogrammas d'assucar foram egualmente subtraídos aos direitos por Bensaude & C.; 3.º que houveram mais descaminhada maior parte de um carregamento de petroleo; 4.º que o mesmo acontecera nos annos de 1882 e 1883 com relação a quatorze carregamentos de fava; o que tudo fazia montar os roubos de direitos a 200 contos de réis, approximadamente.

A commissão de syndicanca nomeada só confirmou a ultima parte da denuncia, mas declarando que os elementos de prova existentes na alfandega de Lisboa eram deficientissimos (por se terem extraviado, como é notorio, bilhetes de despacho, alguns livros e outros documentos importantes que tornaram quasi impossivel um inquerito sobre bases seguras e consequentemente a emissão d'um juizo completo, imparcial e consciencioso sobre um negocio de tanta transcendencia.)

O sr. Galvet de Magalhães, no relatório da gerencia da commissão administrativa, publicado em 1887, dizia:

«Quanto ao serviço de conferencia de descargas ou de manifestos de carregamentos recebidos pela alfandega, verbas, acham-se por conferir cerca de 1:200 manifestos. O archivo estava entregue á guarda de jornaleiros da companhia braçal e franqueado ao publico; jaziam no chão, sem classificação, mais de 16:000 manifestos de carregamentos recebidos pela alfandega. Pelas traves d'esta repartição, arruinados sem ordem nem methodo, documentos de importancia vária. Mais de 200:000 bilhetes estavam para reunir por ordem da numeração e por encadernar.»

D'uma das certidões, juntas pela firma Bensaude & C., constava: 1.º que não existiam nos archivos da alfandega os livros de numeração dos bilhetes dos despachos feitos pela meza do Pateo nos annos de 1881 a 1882; 2.º que nem se sabia se alguma vez lá tinham dado entrada; 3.º que esses livros tambem não existiam na casa do despacho. Da outra certidão constava que não existiam archifados no archivo da alfandega todos os bilhetes de despacho de mercadorias relativos aos annos de 1881, 1882, 1883.

Um horror! São as bellezas, são os fructos do proteccionismo.

Diminuiu esse estado de coisas? Não. Não vimos nós o que disse o *Diario da Tarde* sobre a *Inspeccão Technica*? Não vimos nós o que succede com a *Mantenção Militar*? Não vimos nós o que se passou com os *certificados* de compra e como os contrabandistas e traficantes, feitos lavradores, fazem passar pelo *Mercado Central* o trigo de contrabando?

E como havia de diminuir, se o proteccionismo augmentou? No excessivo direito de todas as mercadorias está o melhor estímulo, ou convite, ao contrabando, e aos conflitos entre empregados e contrabandistas. O contrabando engrossou e generalisou-se. Contrabando de madeira, de algodões, de petroleo, de assucar, de café, de amido, etc. E n'elle está a applicação de tanta *fortuna milagrosa*.

Augmentou o contrabando e augmentaram as falsificações. Houve tal—ainda n'outro dia morreram dois millionarios em Lisboa que estavam n'essas condições—que foi contrabandista e falsificador ao mesmo tempo.

Ganham todos e por todas as formas. Só o povo perde sempre. Se ha em Portugal homens justos e intelligentes ainda, a esses nos dirigimos para que façam ouvir a sua voz, para que intervenham n'esta situação desgraçadissima.

É preciso pôr cõbro a este proteccionismo escandaloso, que enriquece meia duzia á custa da existencia de milhões.

Já vimos o preço do trigo nas nações mais proteccionistas da Europa. Em nenhuma vae além, termo médio, de 450 réis cada dez kilos.

Estabelecendo-se entre nós a tabella legal de 500 réis cada dez kilos para o trigo rijo, e de 550 para o trigo molle, é estabelecer um preço remunerador.

Apprendamos a trabalhar e a progredir. Abaixo a mandrice. Fora a inhabilitade.

Ou então, se a cultura do trigo não se harmonisa bem com o nosso clima, como pretende o sr. Marianno de Carvalho, vamos a outra. Não faltam bellas culturas n'este excellentes terreno e sob este bello sol.

Mas sobre esse assumpto falaremos mais detidamente na carta que se seguir.

A. B.

Nomeação acertada

Foi mandado prover no lugar de amanuense da camara municipal de Aveiro, o empregado addido á mesma camara sr. José Lopes do Casal Moreira.

Aquelle nosso amigo as nossas mais vivas felicitações pela justiça que lhe acabam de fazer.

Rebocador para Aveiro

No *Primeiro de Janeiro*, de quinta-feira, lê se o seguinte telegramma:

Lisboa, 25.—Conferencion hontem e hoje com o sr. presidente do conselho e com os ministros da marinha e da fazenda, sobre a ida d'um rebocador para a barra de Aveiro, o deputado por aquelle circulo, sr. dr. Homem de Mello. Prometteu-se-lhe que o governo ia estudar o assumpto com grande vontade e attender ao pedido. O sr. presidente do conselho disse que dava todo o seu apoio para resolver o assumpto.

Quanto mais os *Chicas*, os *Tinhosos*, os *Mijaretas* e *Cabecinhas* ladram, mais aquelle cavalleiro se vae interessando pelas cousas d'Aveiro, como se vê pelo telegramma do correspondente especial d'aquelle periodico, em Lisboa. É d'esta forma que aquelle sr. responde aos latidos da lazarenta canzoada do largo do Espirito Santo.

E ainda haverá uma alma, boa ou má, que lhes dê crédito? Parece-nos bem que não.

E muito pouco viverá quem tal não verá, na phrase vulgar do nosso povo.

O BALÃO

O assumpto obrigado da semana tem sido o desaparecimento do balão *Luzitano*, que conduzia o sr. Belchior Fernandes, Cesar Marques e José Antonio de Almeida.

O assumpto é discutido por varias formas e pelo caracter que é tomado. Uns opinam com calor que o balão e os tres aeronautas deviam ter sido salvos pela coragem de Belchior Fernandes, que os collocaria em terra ou a bordo d'algum navio; outros, os mais pessimistas, contestam que tal se não podia dar pelo desanimo e desnoiteamento dos infelizes rapazes.

O que é certo, é que o paiz se evolutionou com a noticia e nos labios de toda a gente para a toda a hora e a todo o instante a interminavel perguata: «E o balão?»

Oxalá que para socego das suas familias e amigos, nada tenha succedido de mau aos tres forçados viajantes aereos.

1.º de Dezembro

A academia aveirense fez distribuir pela cidade, o programma que segue, para commemorar o dia 1.º de dezembro de 1903, como prenoticiamos:

N.º 1—Alvorada com 21 tiros ás 6 horas da manhã. A Academia Aveirense, no seu maximo numero, percorrerá as principaes ruas da cidade, sendo acompanhada em todo o percurso, pela banda dos *Bombeiros Voluntarios*.

N.º 2—Das 10 ás 12 da manhã, musica no Largo Municipal pela fanfarra do «Asylo Escola», que foi gentilmente cedida pelo Ex.ºo Presidente da Camara.

N.º 3—Das 2 ás 4 da tarde, musica pela banda regimental de Infantaria 24, cedida pelo Ex.ºo commandante da divisão, n'um coreto que para esse fim será armado no Largo Municipal.

N.º 4—Marcha «au flambeaux» ás 6 e meia da tarde, sendo a Academia acompanhada pela banda dos *Bombeiros Voluntarios*.

N.º 5—Deslumbrante illuminação á veneziana no Largo Municipal, e musica das 8 ás 11 da noite, pela banda dos *Bombeiros Voluntarios*.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, da 2 ás 4 da tarde, no Jardim Publico, é o seguinte:

«Le Touriste», ordinario; (Benjamin) Pout-pourri da opera «Huguenotes», (Meyerbeer). «Sur les eaux du Tage», pout-pourri; (Moraes). «El Cabo Primo», Zarzuela; (Caballero). «Scene Pittoresque», (Massenet). «Moraima», Capricho; (Espinosa).

CRAPULOSOS

Temos em nosso poder uma correspondencia de Góa. Não a publicamos hoje porque ainda temos um resto de compaixão pelo concussionario que está no seu jornal agredindo e calumniando cavalheiros respeitaveis, esquecendo-se da sua vida publica cheia d'actos inconfessaveis. É possivel que nos resolvamos a publicar a interessante carta, se os crapulosos continuarem.

Antonio Alves d'Oliveira

Só tarde é que tivemos conhecimento do fallecimento na sua casa da Borracha, Azevedo, do honrado e prestimoso cidadão Antonio Pereira Alves, que por muitos titulos era crédor das nossas sympathias e consideração. Era dotado d'um caracter honesto, generoso e intransigente, muito obsequioso e esmolero, por isso os pobresinhos tambem soffreram muito com a sua falta.

A seus filhos e genro, srs. José Alves d'Oliveira, Maria Augusta, Maria Alves e Fortunato Ferreira, os nossos mais vivos protestos de sentimento, ao mesmo tempo que pedimos nos relevem a falta involuntaria de não prestarmos mais cedo o preito justo ás nobres qualidades do bom cidadão e do amigo.

Pela Palhaça

Informa-nos d'alli um amigo nosso, que o povo d'aquella freguezia se achava bastante descontente com o seu parochio, por este não ter realisado uma festividade qualquer e para a qual o povo já ha annos tinha contribuido com o seu rico dinheirinho.

Tambem se queixa o mesmo nosso amigo das irregularidades constantes do distribuidor rural das Quintans, na entrega das correspondencias aos seus destinatarios.

Recommendamol-o ao sr. director do correio, d'esta cidade.

Vêr na quarta pagina o folhetim «O OLHO DE VIDRO».

Não é fóra de proposito dizer do grande interesse que aos nossos leitores tem despertado o excellentes romance de Camillo Castello Branco e uma das suas maiores glorias de escriptor.

Os pedidos das collecções dos folhetins tem sido constantes, exgotando-se já por completo os numeros que d'elles tratam.

O PADRE

Diz você, padre, que nós fizemos troça do sr. dr. Homem de Mello, que hoje elogiamos. Mas, garoto abjecto como sempre, só transcreve, do artigo que escrevemos, aquillo que lhe convem. Garoto abjecto. Asno permanente, no entanto.

Como simples garoto, podia você não se importar com a demonstração das suas garotices. Que você não tem pudor, sabe-o todo o mundo. Mas, garoto inteligente, mas, garoto fino, você evitaria essa demonstração, que não pôde deixar de ser funesta á politica que você diz representar.

Ora o que nós escrevemos, no artigo referido, foi isto:

«Por Aveiro está decretada, afinal, a candidatura do celebre Barboza de Magalhães. Os *vitalinhos* ainda tentaram um esforço para a evitar. Em Aveiro, que é a terra das curiosidades, ha um partido novo: é o dos *vitalinhos*. E' representado na imprensa por um papel para o qual solicitam assignaturas um homem que é regenerador, outro que é progressista, e outro que é qualquer coisa. Vejam que coisa!

Ora, como iamoz dizendo, os *vitalinhos* ainda tentaram evita-la. Sem nós darmos por tal, e nem sequer imagina-lo, parece que appareceu ali um novo José Estevão, que é um senhor dr. Manuel Homem de Mello, que não temos a honra de conhecer. Um notavel talento, fecunda actividade e nobilissimo character, no dizer do papel onde collabora o Fernandes. E, por possuir tantas qualidades, os principaes influentes politicos de Aveiro, Albergaria e Ihavo, fizeram-lhe um caloroso convite, para aceitar o mandato pelo circulo de Aveiro, «homenagem a que tambem se associam os partidos adversos, abstando-se da lucta no caso de ser accete esta solução.» Então com que os partidos adversos, hein?

Sin senhores, isto vae lindo! Muito lindo. Pena é que esteja reclamando tanta pancadaria.

Nós não sabemos, e falamos sinceramente, se o sr. dr. Manuel Homem de Mello é um homem de merecimentos, ou não. Estimamos que o seja, — não temos o minimo proposito de melindrar esse senhor — porque um paiz não ganha nada, nem a humanidade, com o augmento dos insignificantes e dos pulhas. Mas, embora o seja, não deixa de se tornar antipathica á zumbaia do orgão dos *vitalinhos*, que é o caso para nós.

O sr. dr. Homem de Mello terá muitos merecimentos. Mas tenha a certeza de que os *vitalinhos* só lh'os proclamam por sabujice. Se s. ex., em vez de ser filho do governador civil de Aveiro, fosse filho de outro homem sem influencia politica, podia ter os mesmos merecimentos, ou mais, que nenhum *vitalinho* lh'os encarecia nem apregoava. E ali é que está a sabujice, ali é que está a indecencia.»

Foi isto o que escrevemos. Sustentamos então, como sustentamos hoje, que o sr. dr. Homem de Mello não tinha titulos que recomendassem n'essa epocha a sua candidatura por Aveiro. Mas não o offendemos, mas não lhe fizemos troça. Quem nós censurámos foram aquelles que lhe offereciam a candidatura, entre os quaes estava o padre Manuel Rodrigues Vieira. D'esses, só d'esses, nós diziamos que estavam reclamando tanta pancadaria, pela imprudencia, pela insensatez das suas affirmações.

Eis a verdade, que você, padre, torpemente adulterou.

E com essa consciencia vil recebe você a confissão dos peccadores, absolvendo-os dos peccados! Você, que é um biltre, que é a alma mais porca que Deus poderia ter formado, em nome de

Deus purifica e santifica as almas dos infelizes que, com lamentavel, mas candida ingenuidade, ajoelham aos seus pés recebendo das suas mãos os sacramentos e a benção!

Você a pegar na hostia!

Você a abençoar os fieis!

Você a absolver os peccadores!

Você a proceder em nome de Deus!

Você, padre Manuel Rodrigues Vieira!... Você, que é a deslealdade, que é a mentira, que é a perfidia, que é a torpeza personificada!

E não queria o seu bispo ser desrespeitado em Aveiro! E admira-se, elle e outros, do sentimento religioso ter desaparecido do coração do povo!

Pois o que querem que succeda, com ministros de tal ordem?

Era você quem dizia então, junto com outros — alguns dos quaes não tem nenhuma das suas responsabilidades, porque permaneceram fieis ao que disséram — que o sr. dr. Homem de Mello era dotado de um notavel talento, d'uma fecunda actividade e de um nobilissimo character. E' você, hoje, quem arremessa ao dr. Homem de Mello as ultimas infamias!

Era você quem escrevia, ou, pelo menos, perfilhava o que se escrevia, que até os partidos adversos se associavam á homenagem prestada ao dr. Homem de Mello, abstando-se da lucta no caso d'elle acceitar a candidatura offerecida. Nós limitavamos-nos a observar que era audacia levar a affirmação a esse ponto, que o dr. Homem de Mello não tinha ainda na sua vida publica factos que o impozessem á cidade, — e aquelle senhor de tal fórma acceitava esta verdade que foi esse um dos motivos, senão o motivo principal, porque não acceitou a candidatura — e, sem contestarmos os meritos e virtudes attribuidas ao sr. Homem de Mello, declarando lealmente que estimavamos que elle as possuísse, affirmando que não tínhamos o minimo proposito de o melindrar, achavamos, comtudo, *antipathica a zumbaia do orgão dos vitalinhos — e este, escreviamos, é o caso para nós* — terminando por lembrar áquelle cavalheiro que por mais meritos que elle possuísse, só por sabujice, só por elle ser filho do governador civil de Aveiro, os *vitalinhos* lh'os proclamavam. «Ahi é que está a sabujice, ahi é que está a indecencia.» Eram as nossas ultimas palavras.

Portanto, era você, padre, que nós censuravamos n'esse artigo. Era a *Vitalidade*, de que você era e é redactor principal. Eram os *vitalinhos*, nome tirado da mesma *Vitalidade*. Com toda a garotice canalha que o caracteriza, você, porém, transcreve d'esse artigo só meia duzia de palavras para deixar no publico a impressão de que escrevemos uma catilinaria contra o dr. Homem de Mello.

Consciencia immunda. E asno chapado, como sempre.

Mas se tivéssemos censurado o dr. Homem de Mello? O que queria isso dizer? Chamámos *pato mudo* ao sr. Albano de Mello? Não nos lembra. Como você mente sempre, como adultera tudo, como trapaceia ignobilmente, deve ser mentira. Mas admittámos que seja

verdade. Seja, *Pato mudo* é, realmente, uma grave injuria! Nunca imaginámos, padre, que você fosse um asno de tal ordem.

Chamámos-lhe coisa peor que *pato mudo*? Ameaçamo-lo? Censuramo-lo? Seja. A que vem isso? A que vem a outra sua imbecilidade de recordar que chamámos ao partido progressista, pelos actos praticados no governo do paiz, um partido infamissimo?

Somos nós, por ventura, progressista? Di-lo-ha você. Mas, se o dissér, é mais uma prova da sua imbecilidade. Como sempre, continuará demonstrando que é mais imbecil, ainda, que tratante. Somos nós correligionario do sr. Homem de Mello? Somos nós partidario do sr. Albano de Mello? Não, por isso mesmo que não somos progressista. Mas mesmo que o fossemos. Onde estaria o erro, onde estaria o crime de condemnar os homens quando elles merecem condemnação e de os louvar quando elles merecem louvor? E' isso um crime, ou é uma virtude?

Alma de lama, alma feita de immundicie que é a sua, ó padre Vieira! A comprehensão que você, asqueroso reptil, tem da verdade e da justiça!

Por mais ignobil que você se nos afigure, miseravel, tenha você a certeza de que se amanhã praticar um acto publico digno de louvor, nós, por mais injurias mercedissimas que lhe tenhamos dirigido, o havemos de louvar. Passe o grupo politico a que você pertence, que Jayme Lima inspire e dirige, a servir a causa da liberdade, em vez de servir, coligado com o grupo de Barboza de Magalhães, a causa da reacção, a favorecer, em vez de os prejudicar, os interesses d'esta terra, e nós, seguindo um caminho inteiramente opposto áquelle que você, miseravel, tem seguido, e todos os da sua grêi, só teremos applausos para lhe dar.

E' a enorme differença que nos separa de você.

Se apoiámos energicamente o sr. dr. Homem de Mello, é a consequencia da torpeza do padre Vieira, da sua infamia, das suas garotices revoltantes, da sua imbecilidade, e das torpezas, e das infamias de todos os garotos, que a você, padre, o acompanham.

Foi para salvar esta terra de uma onda de lama.

Individualmente, nada ganhámos, nada havemos de ganhar com uma attitude de tal ordem. Mas os interesses materiaes e moraes da terra em que nascemos, que nunca deixámos de servir com abnegação, ganharam já e continuarão a ganhar muito com isso.

E' quanto basta. Ponto que será tratado e aclarado no numero seguinte.

Mercado dos 28

Esteve muito concorrido de gado lanigero e caprino, mas especialmente de porcos cevados e das ervas.

Fizeram-se muitas transacções, tanto para a cidade como para fóra.

Informam nos que, no domingo ultimo, foi salva pelo menor Carlos Simões Amaro, filho d'um artista d'esta cidade, Florinda Rosa Vinagre, que estava prestes a afogar-se no caes de S. Gonçalo.

Pelo mundo

Como se exerce a tyrannia na Russia

Uma importante noticia que nos dá um correspondente de Berlim para uma folha de larga circulação:

«Os refugiados russos que se encontram actualmente em Berlim fizeram-nos a descripção d'uma nova tortura inventada na Russia e applicada aos prisioneiros politicos encerrados na terrivel fortaleza de Schlusberg. Affirmam elles que o cerebro dos condemnados politicos russos é enfraquecido, por uma maneira permanente, submettendo-os durante longos dias a raios de luz violeta. Os individuos condemnados a esta tortura scientifica são collocados n'uma grande cela, com muitas janellas, e onde a luz do sol penetra atravez de vidraças cor de violeta. De noite, a luz solar é substituida pela luz electrica.

Os alimentos, e até o proprio corpo do prisioneiro é atacado por este tratamento.

Esta crueldade scientifica produz irritação e acaba por modificar a estrutura do cerebro, perdendo-se a faculdade de ligar os pensamentos e desaparecendo toda a sensibilidade.

A victima não se torna louca, mas mentalmente entorpecida, pasmada. Póde desempenhar os actos simples da vida, mas a sua intelligencia perde toda a actividade e procede como um idiota.

A maior parte das vezes, a victima nunca se restabelece e póde ser posta em liberdade sem perigo para o governo. Ao passo que os raios vermelhos tornam o individuo louco, os raios violetas occasionam um amolecimento incuravel do cerebro.

Quaes são os prisioneiros politicos que tem soffrido essa tortura? Isso é um segredo por enquanto.»

Que despotas!

EM RETIRADA

Cessou o fogo!

A garotada bateu em retirada para atacar outra posição. O sr. Manuel de Mello deixou de ser alvo da asquerosa canallia porque muita gente de brio e dignidade não quiz fazer pacto commum com semelhantes sevandijas e devolve-lhes o réles *passim* como improprio de entrar n'uma casa digna.

E assim vão continuando a soffrer o castigo que merecem todos os garotos, todos os pulhas e todos os malandros.

PUBLICAÇÕES

Secretario e Vocabulario Commercial da Lingua Inglesa, acompanhado dos documentos commerciaes mais usados por José Stuart Torrie. Editor João de Araujo Moraes—Rua da Assumpção 49—51—LISBOA. Preço 700 réis.

E' um livro de incontestavel utilidade para quem, no exercicio do commercio, tenha a seu cargo a correspondencia com casas inglezas ou necessite de conhecer formulas, expressões de emprego universal ou documentos de uso frequente, taes como conhecimentos, apolices de seguros, contendo até mesmo variadissimos textos epistolares, modelos de facturas e de operações contabilistas.

Registando o apparecimento d'esta obra, imprescindivel auxiliar no serviço de todos os escriptorios e empresas commerciaes ou industriaes, cujas relações se extendam principalmente a Inglaterra ou Estados-Unidos da America do Norte, agradecemos ao auctor a offerta que se dignou fazer-nos do seu interessante e valioso trabalho.

Tratado de Contabilidade, por Ricardo de Sá.

Recebemos as cadernetas n.º 15 e 16 d'esta utilissima publicação, editada pela EDITORA. Assigna-se no Largo do Conde Barão 50—Lisboa e na livraria Chardron, dos srs. Lello & Irmão, rua dos Clerigos 96 e 98—PORTO.

Instruir é bom, porque fórma intelligencias; educar é bello porque fórma corações.—S. LUCAS.

SPORT

AINDA AS CORRIDAS VELOCIPEDICAS

DECISÃO DA UNIAO DE LISBOA

Em sessão da Direcção Velocipedica Portuguesa, effectuada em Lisboa no dia 23 do corrente mez, foi deliberado em face dos protestos havidos por occasião das corridas aqui realisadas no dia 13 do corrente, annular a 3.ª e 5.ª corrida, respectivamente *Districtal* e *Nacional*, pelo motivo especial de n'ellas terem tomado parte conjunctamente corredores profissionais e amadores, o que é manifestamente prohibido pelo artigo 7.º do § unico do Regulamento de corridas d'aquella União.

Respeitante á segunda corrida *Velocidade*, para *Juniors* amadores, resolveu a mesma Direcção que os premios sejam entregues aos srs. Cruz Bento, o 1.º; Rodrigues Jeronymo, o 2.º; e a Costa Pato, o 3.º, visto que pelo art. 59.º do Regulamento de corridas é permitido a qualquer corredor levar a sua machina á mão em qualquer percurso.

Repetir-se-hão, pois, a 3.ª e 5.ª corridas.

Estas resoluções foram no geral bem recebidas.

A Direcção do *Recreio Artístico*, convida o ex.º Jury, socios do *Recreio Artístico* e corredores que tomaram parte nas ultimas corridas velocipedicas, a comparecerem hoje na sede da mesma Sociedade, pelas 12 horas do dia, afim de assistirem e receberem os premios a que tem direito, nas 1.ª, 2.ª e 4.ª corridas, devendo ser os premios das 3.ª e 5.ª corridas, distribuidos depois de effectuadas novas provas, como ordena a Direcção da U. V. P. e para as quaes esta Direcção marca o dia 8 de dezembro proximo.

Pelo tribunal.

Fez-se justiça

Em policia correccional, respondeu na quinta-feira no tribunal judicial d'esta comarca o celebre Philippe da Motta, do Sardo e actualmente creado do sr. Tavares Lebre, da Quinta do Picado, e accusado de espancar barbaramente em S. Bernardo um individuo de Oyá, caso que o *Povo de Aveiro* denunciou e poz em evidencia quando já se achava arrumado para debaixo da meza. Foi condemnado a 6 mezes de prisão correccional e 4 de multa á razão de 200 réis por dia, sem custas, por ser pobre. Folgámos por seter feito justiça.

RECREIO ARTISTICO

A direcção do *Recreio Artístico* torna publico que, pela da *União Velocipedica Portuguesa*, a que, pelo seu Regulamento, está subordinada, resolveu do modo seguinte acerca das occorrencias da corrida celebrada em 15 do corrente na estrada de Aveiro á Barra promovida pela *Secção velocipedica* da mesma sociedade:

III.º e Ex.º Sr. Presidente da *Sociedade Recreio Artístico, d'Aveiro*:

Cumpra-me participar-lhe que em sessão da Direcção da U. V. P., celebrada em 23 do corrente, foi lida a acta das corridas velocipedicas effectuadas n'essa cidade em 15 do corrente, organisa da pela secção velocipedica da *Sociedade Recreio Artístico* da sua digna presidencia. Sobre tal assumpto a Direcção da U. V. P. resolveu annular o resultado das corridas 3.ª e 5.ª, respectivamente *Districtal* e *Nacional* pelo motivo especial de n'ellas terem tomado parte conjunctamente, corredores profissionais e amadores o que é manifestamente prohibido pelo art. 70.º § unico do Regulamento de Corridas d'esta União e conforme o aviso feito ao sr. Adriano Costa, presidente que foi do jury. A cerca da segunda corrida *Velocidade* para *Juniors* amadores, resolveu a mesma Direcção que os premios sejam entregues aos srs. Cruz Bento, 1.º; Rodrigues Junior, 2.º, e Costa Pato, 3.º. Visto que pelo art. 59.º do Regulamento de Corridas é permitido a qualquer corredor levar a sua machina á mão em qualquer percurso. Devem pois ser repetidas as corridas 3.ª e 5.ª.

Deus guarde a V. Ex.ª Lisboa, 26 de novembro de 1903.

O Vice-Presidente da U. V. P.

Arthur E. de Barros e Mello.

FOLHETIM
CAMILLO CASTELLO BRANCO
O OLHO DE VIDRO
(Romance historico)

XI

Treze annos depois

Francisca de Oliveira morreu no anno de 1730 em Italia, para onde seu marido se transferira, por 1724, a procurar-lhe ares restauradores da saude que ella a pouco e pouco perdêra em Amsterdão.

O medico, perdido o arrimo da alma aos cincoenta e cinco annos de idade, sentiu gravame e tedio da vida. Os bens da fortuna eram muitos; mas o veneno da saudade e da solidão, por ser bebido em taça de ouro, não lhe era menos letal. Se elle fosse pobre, trabalharia, quebraria na canceira da lida suada para ganhar pão alguns espinhos da sua corôa de orphão de todos os affectos puros e sagrados, na idade, em que somente esposa e filhos podem adoçar o amargo da velhice. Não tinha ninguem lá fóra. E em Portugal se tinha parentes nem os conhecia, nem amava, nem

à esperava, nem queria ser estimado d'elles.

Vagamundeou de reino em reino, repartindo alguma parte dos muitos haveres por hebreus necessitados, e reservando para si a quantia que computou necessaria para passadio abundante de quinze annos.

Passados dois, estanceava por Marselha, quando um navio mercante estava carregado com destino a um porto de Hespanha. Quasi sem consultar os perigos da sua temeridade, como quem nenhuns vinculos já tinha que desprender dolorosamente das coisas boas d'este mundo, embarcou como hollandez, com passaporte que o abonava mercador de Amsterdão, e desembarcou na Corunha. D'aqui passou a Portugal, em navio hespanhol e viveu alguns dias em Lisboa, separado de toda a convivencia, e encontrando a miúdo pessoas de Hollanda, que deviam conhecê-lo, se elle em tres annos não tivesse encanecido, e oitos annos antes se não retirasse de entre os portuguezes para os pontos mais solitarios e pittorescos da Italia.

Foi o doutor a Ourem, com ares de forasteiro que vê pelo miúdo as mais e menos notaveis terras dos paizes. A casa onde elle nascêra havia sido vendida pela corôa, para a qual tinha sido confiscada, depois que o

dono fóra queimado em estatua. Estava sendo estalagem. Pernoitou n'ella; dormiu no quarto de sua mãe... não dormiu; chorou por todo o correr da noite vagarosa. Antes que a primeira luz do seguinte dia apontasse, sahiu do quarto onde nascêra e morrera sua mãe, viu de passagem o quarto que fóra o seu, e d'onde agora sahia outro viageiro madrugador.

D'aqui se foi caminho de Coimbra, abafando os soluços para que o arriero e outro viajante que cavalgava e o seguia silencioso l'hos não ouvisses.

Andando um quarto de legua, perguntou-lhe o companheiro:

— Vae para Coimbra, camarada?

— Francisco Luiz, fingindo uma pronuncia de hollandez que sabe algum pouco de hespanhol, disse que sim, ia ver Coimbra, porque andava examinando os monumentos celebres de Portugal.

O collocutor era homem já de annos adiantados: orçaria tambem por perto dos sessenta.

— Aquillo já foi Coimbra! disse elle. Quando eu por ali andei estudando, grandes homens liam na universidade; hoje, nem já parece Coimbra, nem cidade das letras. A vossemecê, que é estrangeiro, posso-l'ho dizer: os jesuitas deram cabo dos bons estudos.

— Ha quantos annos andou vossemecê estudando na universidade?

— Ha bons quarenta. Matriculei-me no primeiro anno de medicina em 1693.

— Noventa e tres? — perguntou Abreu com reparavel interesse; mas o ar de espanto passou, na mente do outro, como pergunta admirativa do muito longe que já ia a vida estudiosa do interrogado.

— E' verdade. Ha que tempo isto vae!... Dos meus condiscipulos, que eu saiba, já não vive nenhum.

— Seria d'esse tempo — tornou Abreu — um portuguez medico que eu conheci em Hollanda?

— Como se chamava?

— Chamava-se Francisco... Francisco... Luiz...?

— De Abreu? — accudiu o interlocutor — Ora se conheci!... Não era meu condiscipulo; era mais novo do que eu na universidade um anno; mas havia de regular pela minha idade. Fui amiçissimo d'elle, e elle meu. Queimaram-no em estatua e mais a mulher, no auto de fé de Coimbra, em 1699, se bem me lembro. Ora se conheci. Ainda será vivo?

— Não lhe sei dizer. Ha muitos annos que viajo, e não voltei ao meu paiz. Tem familia em Portugal?

— Não lhe posso dizer; mas a mim lembra-me que elle tinha um fi-

lho natural, posto que outros diziam que o pequeno era filho de outro hebreu, que andava desterrado. Esse filho desapareceu; não sei se elle o levou, se morreu por cá em companhia de parentes.

— Tambem a mim me está lembrando que esse medico me fallava va muitas vezes n'outro hebreu condiscipulo d'elle... ora que não me accoda o nome!... Um hebreu que fugiu de Portugal com a filha de um fidalgo, christão velho...?

— Ah! já sei de quem vossemecê me quer fallar... Ha de ser de Antonio de Sá Mourão.

— Parece-me que sim...?

— Não podia ser outro. Conheci-o perfeitamente. Era o melhor estudante da faculdade medica. Sei a historia d'esse desgraçado perfeitamente...?

— Então sabe que fim elle teve? — atallou Francisco Luiz.

— Morreu, o que eu sei é que o pobre homem morreu lá fóra e por pouco lhe não matavam os paes cá dentro. A minha casa dista da casa dos Cabraes, senhores de Carrazedo, meia legua. Veja se eu não estarei lembrado de tudo isso, conhecendo a morgadinha como as minhas mãos. Imagine vossemecê qual seria o meu espanto, quando, faz agora quator annos, a vi.

(Continúa.)

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) aprovada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br. 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 55000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 65000 réis.

Arte de escripta, novo cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o methodo de João de Deus, com prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis.

Campo de Flores, 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indispensavel aos que ensinam a lêr pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º — LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS

Collecção de obras litterarias e scientificas notaveis, dos meliores auctores, antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros

100 RÉIS CADA VOLUME

ROMANCE, POESIA, THEATRO, ARTE, HISTORIA, CRITICA

Edições esmeradamente revistas, traducções confiadas aos meliores escriptores, obras de auctores antigos e contemporaneos

PUBLICAÇÃO MENSAL AOS VOL. DE 160 A 200 PAG.

100 réis o volume

Cada pagina de leitura por menos de um real

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SÁ

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Atheneu Commercial de Lisboa Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

E' sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recomendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha approximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, esturme, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em sacacs de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe — AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que fór applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

No mesmo estabelecimento tomam-se encomendas de «marés» de junco.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

“PFAFF,”

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

Não estas as meliores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para correiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.

A prestações e a dinheiro com grandes descontos.

Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.

Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.

Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA — SANGALHOS

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75 — RUA DE JOSÉ ESTEVÃO — 79